

*As aventuras de Amanda, a grávida*Maurício Fontana Filho ¹

Chutes. E mais chutes. Quem é que chuta outro ser humano? Uma pessoa perfumada. Bem-vestida. Tudo combinando. Maldito dia ovulou em membro rígido. Maldito dia permitiu ser fecundada.

- Pare de me açoitar as entranhas! Não sei o que é que você quer!

Mas não parava. Fazia seu ventre pulsar de cólera. Ao menos a criança viria com pés. Não vai ser uma aleijada de nascença. Anda sozinha.

Os chutes não são a pior parte. Tornar-se intransável é a pior parte. O câncer é a pior parte. A vida se esvai e tudo que se quer é um parceiro de foda. Cabelos. Já teve cabelos lindos. Cabelos que conquistavam homens às dezenas. Bastava um movimento de pescoço. Fiapos. Eis o que lhe resta. Não servem ao ritual de acasalamento. A barriga colossal, a cabeça seminua, somam à matemática de zero penetrações. Zero movimentos de cintura. Zero palavras lascivas. Zero olhares pornográficos. Nem lhe tocam. Aspecto duplamente repulsivo. Repugnante. Contaminada pela semente de outro homem. Um concorrente vitorioso.

Tem dias que tudo o que deseja é ser jogada ao solo e amassada pelo ímpeto do sexo oposto. Pelo vigor físico. Por rajadas de determinação. Pela pulsão soberana. Podem ser assassinos ou terroristas. Não lhe importa. Só quer sentir-se desejada de novo. Só quer sentir que alguém estaria disposto a quebrar a lei e jogar o resto da vida fora para estar ao seu lado por alguns momentos. É pedir demais? A pior parte não é ser usada contra a vontade. Ser humilhada. Machucada. Mas alimentar o prazer absoluto de seu agressor. Ele a mutila. Faz chorar. E com isso atinge um êxtase orgástico. A tristeza o satisfaz. Nutre seu organismo. Apraz os seus sentidos. Preenche-o de orgulho. Seus olhos brilham. A saliva corre os lábios. Os dentes, entrincheirados ante a refeição a vir. Isso é o pior. A

¹ Email: mauricio442008@hotmail.com

impotência. A indecência. A aparência pós-coito. O prazer que sentiu foi o pior. Mas também o melhor. Se odeia por isso. Que tipo de mulher anseia por mais? E ele sabia. Não pôde esconder sua proatividade. Sua movimentação voluntariosa. Seus sorrisos e olhares de aprovação. Queria impedir que se fosse. Queria que permanecesse. Deitasse consigo.

Quando arrebentou sua blusa, não reagiu. Quando a boca desceu aos seus seios, não revidou. Quando a pôs de joelhos, não reclamou. Sabia o que tinha de fazer. E tinha que fazer direito. Estava ali. Distendida na cama. Como um animal. Ele se deliciando. Dizendo “gosta, gosta”. Ela pensando se ia demorar muito mais. Ele suspirando e se contorcendo dentro de si. Ela sem saber se era hora de gemer alto ou baixo. Temia aborrecê-lo. Ele a agarrando com força, rasgando seu sexo, afundando sua pele com os dedos. Ela pensando nas marcas que ficariam por semanas. Uma dor que queimava. Que vibrava. Ele a enchendo. Segurando-a contra si. Tremendo. Ela tentando sair. Falhando. Ele indo embora. Sem dizer palavra. Ela feliz. Por ter acabado. Ainda pensaria naquela noite. Resgatando imagens, sentimentos.

Achava ter sempre sido uma menina enjoada. Enojada pelos detalhes. Hoje sabe o que é enjoado de verdade. Aquele de paralisar a respiração. De revirar o estômago. De manter-lhe curvada por horas. Quando criança o próprio ar que respirava não era de seu agrado. Não era bom o suficiente para si. Na escola, os garotinhos que se aproximavam eram rapidamente enxotados. Não era que não gostasse deles. Gostava. Era simplesmente melhor que eles. Teriam de se esforçar mais para conquistar o seu aval. Como decaiu. A vida mudou tão de repente. Nunca quisera ser mãe. Nunca quisera essa criatura nojenta. Lembrete da derrota de sua virtude. Da fraqueza de sua determinação. Da vontade da carne, e pela carne. Uma aberração. Fruto da vergonha da mãe.

- Não sei mais o que fazer, doutor.
- Onde está sua mãe menina? Várias semanas de gravidez aí meus parabéns, deve estar muito feliz, falta pouco sabe e...
- Não sei até quando vou conseguir aguentar. Tem alguma coisa errada com ele.

- Falta pouco e....uhhh com quem? Seu marido não está bem?
- Só estamos eu e o Sr. aqui dentro, estou falando do bebê!
- Sim, sim, isso, é que o bebê poderia ser seu marido, esquece, o que a Srta. sente? É perfeitamente normal uma mulher no seu estado sentir...bem, sentimentos e....
- Ele continua respirando. Tenho certeza. Não importa o que eu faça. Ele simplesmente não quer morrer. Tem alguma coisa que o Sr. poderia me receitar para fazer o coração dele parar ou a pele derreter sei lá?
- Uhhhhhhhhh certo, uhhhhh deixa eu ver, então, então a Srta. não gosta do filho que tem aí, certo, bem não posso receitar nada não, nem trabalho aqui, eu limpo o chão sabe e, bem, o doutor só vem uma vez por mês, assim por que não volta na semana que vem mas no dia certo?
- Eu não sei se posso esperar mais uma semana, o que sugere que eu faça?
- Então, certo faz assim, quando ele sair a Srta. abandona ele, isso, está bastante na moda, pode ser num bueiro ou lata de lixo, deixa na casa de uma tia que a Srta. não goste tanto, sabe, tem várias florestas pertinho daqui mesmo não precisa ir longe não.
- Eu não quero que ele saia de mim! Quero que ele pare de existir agora mesmo!
- A Srta. anda tomando muito sol?
- O que isso tem a ver com qualquer coisa?
- Eu pergunto porque vi numa revista que tomar muito sol deixa o cérebro mole isso faz mal aí a Srta. tem uns pensamentos estranhos eu vi na revista...
- Só não quero ele. Quero ele fora de mim. Estou bem.
- A Srta. já tentou falar com o bebê? Pode tentar fazer uma pergunta e se ele chuta uma vez, é um sim, se chuta duas vezes é um não.
- Você limpa o chão.
- Isso limpo. Eu limpo o chão.
- Usa produtos de limpeza para limpar o chão.
- Sim produtos de limpeza para limpar o chão pano úmido depois eu passo o pano seco aí eu encero tudo o chão fica brilhando fica lindo.
- O Sr. já ingeriu um desses seus produtos?
- Bem não eles são para o chão não para mim.

Não voltou à clínica. Os produtos ficariam guardados para um momento oportuno. Tentou resolver tudo sozinha. Ela alternava. Tinha dias que colocava bolsa de água quente contra o ventre de modo a infernizar o bebê. Em outros, era o gelo, em uma tentativa torpe de deixá-lo gripado. Engolia insetos inteiros para que o devorassem. Tomava sol com a barriga exposta para amolecer o cérebro do feto. Funcionava? Difícil saber com certeza. Ao menos o cozinhou? Esperava que sim. A quimio na veia. O sorriso no rosto. Jejuava sem parar. Sem resposta.

- Está com fome, não é? Não adianta. Nada de comida para bebês malditos! Seu lugar não é aqui. Ejete-se da existência! Ejete-se de meu corpo! De minha vida!

O não-nascido persistia. Persistia aos tapas no abdome, aos cigarros apagados na pele. Toda a pouca comida ingerida pela mãe era devorada pela criaturinha. Seus seios doíam. As costas pendiam para a frente. Passava o dia inteiro chorando. Choro de raiva. Raiva pela barriga enorme. Enorme de grande. Um monstro. Raiva por ter deixado a situação acontecer. Se ao menos tivesse sido mais forte. Se ao menos tivesse tido mais coragem. Ele a segurou. Mas ela poderia ter lutado. Poderia ter gritado. Poderia ter mordido. Feito alguma coisa. Qualquer coisa. Raiva pela sua impotência. Pela subserviência. Ele nem sempre a segurava. E lá estava ela, de prontidão. Saboreando suas pequenas liberdades, as margens deixadas por seu carrasco. Foi uma ferramenta comportada. E agradecida. Agora adocece. Tudo conspira a seu desfavor.

Às vezes pensa se o medicamento é tão ruim quanto a doença. Se estar contaminando sua prole é tão imperdoável quanto presume. Ao menos terá pés. Isso é certo. Pés sadios. Quanto ao resto, há de ser ver.